

DISCURSO DE POSSE

PROFERIDO PELA PROFESSORA EMÉRITA DRA. DIOMAR DAS GRAÇAS MOTTA, NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO, CASA DE ANTONIO LOPES, NO DIA 6 DE JULHO DE 2023, NA CADEIRA, DE Nº 2, PATRONEADA PELO PE.YVES D'ÉVREUX.

Senhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Professora Dr^a Dilercy Aragão Adler; - Senhora Vice-Prefeita de São Luís, Professora Mestre Esmênia Miranda; - Integrantes da mesa desta Assembleia Geral Extraordinária Comemorativa de Posse; - Confreiras e Confrade; - Amáveis convidadas e convidados.

Ao adentrar neste sodalício sinto-me tomada por recordações, decorrentes da infância, da juventude e, mais tarde, do compartilhamento com membros do Instituto, na minha trajetória profissional.

Essas recordações dizem respeito ao meu nascimento na Rua da Mangueira, atualmente Rua Artur Azevedo, que começa na Rua do Alecrim e termina na Rua de Santana. Esta, juntamente com a Rua de Santa Rita, demarcavam a quadra em que se localizava o prédio, que abrigava o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGM, localizado na Rua Grande, 634, à época, cuja lei de doação foi sancionada pelo então Governador Sebastião Acher da Silva (1947-1951).

Aos domingos, era praxe recebermos 50 centavos de papai (motorista portador da carteira nº 2 do município de São de Luís). Esta quantia custeava uma volta no bonde da linha Estrada de Ferro e um picolé nas sorveterias do Sr.Manuel, o português e a de d. Alexandrina, (uma senhora forte) ambas localizadas ao lado do prédio de azulejo azul e branco do IHGM. Hoje abrigam dois comércios de orientais.

Quando das sessões aos domingos à noite, o magnífico lustre do IHGM iluminava a Rua Grande, através de suas inúmeras janelas. Por estas se via, também, parte de uma estante de vidro repleta de livros.

A chegada dos membros era com muita dignidade. Ficávamos mamãe, eu e mais cinco irmãos a admirá-los. Cumprimentavam os transeuntes parados, admirando sua entrada. Dentre eles, lembro-me de Dr. João Braulino de Carvalho, presidente do Instituto na gestão de 1947-1953, que se dirigia à mamãe pelo nome. Boa noite, Calu! Eram conhecidos de vizinhanças anteriores, precisamente do Beco do Silva.

A beleza do prédio me foi descrita por Dr. Domingos Vieira Filho (1924-1981) quando de nossa convivência na então Secretaria de Educação e Cultura, no prédio do antigo Banco do Estado do Maranhão – BEM. Ele ficava a admirando o casarão de três andares situado na Rua do Egito, esquina com Rua de Nazaré, e na ocasião mencionava o prédio do IHGM, resguardadas as devidas proporções em relação ao que ora observava.

Atualmente, a antiga edificação do IHGM está pintada de cinza pelo banco Itaú, seu hoje proprietário, ocultando, desse modo, a memória de um dos mais belos edifícios da Rua Grande.

Prof. Mário Meireles (1915-2003) em entrevista a mim, concedida em 16 de setembro de 1998 fez menção a estrutura física da casa Antônio Lopes, recordando as ruínas do prédio que ocasionaram a perda do retrato de D. Pedro II, tamanho natural, enviado a todos os Institutos do Brasil.

Essas recordações me remetem ao primeiro convite para ser sócia do IHGM, feito pela então presidente Prof^a Eneida Vieira da Silva Ostria de Canedo (1929-2017), o qual declinei por haver colocado a docência e a pesquisa sobre história das mulheres, à frente de outras atividades, inclusive literárias fora deste objeto de estudo.

Hoje, apesar de professora voluntária, na Programação da Pós-graduação em Educação na Universidade Federal, consigo conciliar com outras atividades, inclusive as do IHGM.

Assim, aceitei o convite da Presidente em exercício, Profa. Dilecy Adler, não sem relutar durante seis meses, por motivos vários. Entretanto verifiquei que tal comportamento constituía, de certa forma, um paradoxo. Se meus estudos e pesquisas se balizam na visibilidade da mulher, porque recusar o convite? Ademais, nos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros as mulheres têm pouca participação, haja vista que as 60 cadeiras que estatutariamente compõem o quadro social do IHGM, nenhuma é

patroneada por mulher. Todavia podemos ser sócias efetivas, correspondentes, honorárias e beneméritas.

Ao que convém ressaltar, somente em 1965, as mulheres tomaram assento nos Institutos Históricos e Geográficos no Brasil, quando a casa de Antônio Lopes já contava com 40 anos de existência.

Fato intrigante, considerando que entre seus objetivos, todos os Institutos interseccionam a memória. Se nós mulheres somos pessoas consideradas “guardiãs da memória,” nas mais longínquas civilizações, como explicar seu tardio ingresso? Ou se trata do modo como é subestimada, quando se trata de abordagem intelectual? Necessário será salientar que “a história não se aprende apreende; - se,” segundo Lucien Febvre (1878-1956) inspirador do *Annales* na França. E nós, mulheres, sabemos apreender em face das restrições de acesso à literatura e escrita, ou seja, ao aprendizado formal.

Com isso, estou tomando assento à cadeira de nº 02 patroneada por um homem – Frei Yves d’Everux, que esteve em terras maranhense na primeira década do século XVII.

Anteriormente, outras pessoas, **todas homens**, tomaram assento, nesta cadeira, a saber:

Raimundo Lopes da Cunha-(seu fundador) professor de História e Geografia no Liceu Maranhense, nascido em Viana.

Thomas Moses - missionário protestante, nascido na Escócia, botânico com amostras de suas pesquisas, na Europa e Estados Unidos. Inventou um aparelho prático para quebrar coco, sem sucesso, pois as mulheres conseguem quebrá-lo deixando as amêndoas inteiras, o que o aparelho não fez. Fato importante para o capital.

Joaquim Vieira Luz - escritor, nascido em Matões e bibliófilo. Grande amante dos livros e colecionador obstinado.

Josemar Bezerra Raposo – economista, nascido em Mirador, professor de Problemas e Estudos Brasileiros e História Economia Geral e do Brasil, Diretor da Delegacia da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG-MA.

Francarlos Diniz Ribeiro – professor de história tanto presencial como a distância, nascido em Pinheiro.

Todos esses sócios contribuíram de forma exemplar, o exarado nas disposições estatutárias, dentre elas as que concernem, ao elogio ao patrono. Textos memoráveis, apesar da exiguidade documental, sobre o mesmo, como alude um dos citados.

Com isso me subsidiei, no Volume IV da coleção Franceses no Brasil – séculos XVI e XVII de autoria do patrono, intitulado, “**História das coisas mais memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos de 1613-1614**”. Este exemplar tem a colaboração da Fundação Darcy Ribeiro. A obra tem apoio em cartas, mapas e notas antropológicas, as visões e impressões sobre a participação dos franceses na conquista do Brasil e qual contou com sua idealização na década de 1980, por Darcy Ribeiro. Outras obras foram escritas no Maranhão com vastas abordagens acerca da fundação.

A obra, a qual me apoiei é a tradução do original da Biblioteca Pública de Nova York, estruturada em dois tratados: o primeiro com 50 capítulos, dos quais 6 desapareceram e o segundo com 21 capítulos, num total de 465 páginas.

Com isso elegi o capítulo XXI, do Primeiro Tratado, com o título: “**Que a mesma ordem e respeito são mantidos entre meninas e mulheres**” (p.177).

No capítulo anterior (o XX) ele narra a ordem e respeito que a natureza pôs entre os selvagens e que eram observados inviolavelmente pela juventude. Segundo Padre Yves, foi o que mais o impressionou, além de cada um executar aquilo que uma idade exige dele, sem se intrometer em assunto alheio.

Assim, ele marcou as idades com diferentes graus e entre as moças e mulheres ele observou:

- **No primeiro grau** era admitido o modo comum entre homem e mulher, ao sair do ventre da mãe, o que corresponde hoje às relações de gênero.

- **No segundo grau** distinguia três marcadores: **idade** (entre uma menina e outra); **sexo** entre uma menina e um menino; e **dever** de uma menina mais nova para com a mais velha (compreendia os sete primeiros anos). Elas mamavam e brincavam de imitar a mãe e os meninos usavam arco e flecha.

- **No terceiro grau**, que ia dos sete aos 15 anos, era quando perdiam a inocência, logo não eram encontradas com o sinal da pureza.

- **No quarto grau**, que começava aos 15 anos e ia até os 25 anos, eram consideradas uma moça ou mulher. Diminuía o trabalho da mãe e eram responsáveis por tudo o que era necessário para alimentação da família. Eram oferecidas em casamento,

acompanhavam os maridos e carregavam todos os utensílios e mantimentos para viagem. Daí terem várias mulheres, para mostrar sua importância assim como as mulas na Europa. Com a chegada dos invasores não eram oferecidas em casamento para os homens de tribo eram **troçadas** por mercadorias.

As mulheres grávidas não paravam de trabalhar, até a hora do parto. Comiam demais para o filho nascer gordo e não cobriam o corpo.

Se tinham dificuldade nesta hora, de dar à luz, o marido apertava o ventre até a criança nascer. Logo em seguida, ele ficava de resguardo na rede. Era tratado como se tivesse muito doente e cansado, e era submetido a uma dieta rigorosa. Para o Padre Yves eles devem ter aprendido com os espanhóis, pois o índio deixava de comer, o que considerava um **repouso ridículo e cômico**.

- **O quinto grau** que ia dos 25 aos quarenta anos, a mulher estava com toda força como o homem, ou uma mulher no esplendor de sua força, mas perdia sua beleza, ficavam horrendas, sujas e as mamas pendentes para os lados.

- **O sexto e último grau** começava com os 40 anos e ia até o resto de sua vida. Eram fortes, podiam ter filhos. Eram responsáveis por todos os tipos de bebida, além do cauim. Tinham o privilégio de mãe de família e juntavam as mulheres para conversar e ensinavam às mais novas tudo o que sabiam.

E era normal comerem os escravos. Era delas a tarefa de assar bem os corpos e a gordura que escorria servia para fazer mingau, cozinhavam as tripas e os intestinos, misturavam com farinha e legumes da região em panelas de barro; em seguida calculavam a porção de cada um em tigelas de madeira que eram distribuídas pelas moças.

Eram elas que iniciavam o choro e os lamentos para os defuntos e também, davam as boas-vindas para os visitantes.

Nesta faixa etária eram pervertidas, na maneira de falar e eram muito mais ousadas.

Pudores à parte, ele escreve:

“Nem ousa contar como elas são, nem o que vi e aprendi”.
É verdade que conheci várias velhas muito boas, honestas e caridosas.
Entretanto, não tenho grandes esperanças e respeito dessas velhas;
O país tem que esperar que elas morram de morte natural; pois, quando morrem, não são muito choradas e não se sentem saudades delas.
“Pelo comentário, os selvagens ficam satisfeitos, pois assim podem ter mulheres mais novas.” (Ib p.182).

Assim ele conclui:

Há uma diferença entre os velhos e as velhas: os homens velhos tornam-se veneráveis e assumem um ar de gravidade e autoridade; as mulheres velhas dessas regiões, pelo contrário ficam carrancudas e enrugadas como um pergaminho nas chamas; apesar disso, são muito respeitadas, pelo marido e pelos filhos, especialmente, as filhas e as moças. (Ib p.182).

Eis tudo que neste momento, pude ser agraciada, com essa narração quase inexistente nas obras de história. Com isso pude partilhar com os presentes, as colocações do nosso patrono, acerca da pessoa mulher no século XVII, nesta cidade, entre os povos originários.

De certo, sua ação catequista, em relação às mulheres não deve ter obtido o efeito desejado, visto que nem tudo ele relatou, mas ele viu e aprendeu.

Com isso, é meu desejo no périplo, que hoje inicio no IHGM casa de Antônio Lopes, continuar á dar visibilidade à participação das mulheres em nossas produções, bem como estimular mulheres negras, professoras, as inclusas no ageísmo, a fim de que possam contribuir para a memória geográfica, histórica maranhense, com a sua presença e com a sua voz.

Muito obrigada!